As experiências estéticas configuram as formas pelas quais o artista inscreve sua trajetória no campo visual. Caminhos que se revelam como legado para futuras gerações, seja no plano teórico, seja na manufatura do objeto artístico, no qual as evidências ficam cravadas. Tais camadas criam e recriam a densidade histórica da arte, constituindo, assim, uma identidade atrelada aos processos de decantação das questões artísticas ao longo do tempo.

Com olhar atento a um passado recente, o curador João Bandeira revisita a arte brasileira da década de 1960 – que condensa características com tendências emergentes dos embates políticos, culturais e estéticos – reconhecendo nessa incursão ensejo para conceber a exposição *Entre Construção e Apropriação – Antonio Dias, Geraldo de Barros, Rubens Gerchman nos anos 60*.

Circunscrita na obra dos três artistas, a mostra trata de uma imersão nas distintas poéticas, que se tocam, tanto pelo pertencimento histórico de uma geração que atravessou movimentos artísticos significativos quanto pela incorporação de influências da indústria cultural e popular e, ainda, por contribuírem para a configuração de outras vertentes artísticas.

Na perspectiva de ampliar a compreensão do campo das artes visuais, o Sesc busca aproximar o público das investigações pautadas pela pluralidade e, por meio de ações socioeducativas, convoca a disposição dos sentidos para valorizar a apreciação artística enquanto momento de encontro, troca e conhecimento.

E, em sua impassível vocação à liberdade, que a arte possa – além de iluminar veredas estéticas – contribuir para evocar memórias, provocar diálogos e ser atuante para enriquecer os processos do desenvolvimento humano, vislumbrando uma sociedade mais justa e compassiva.

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

Sesc – Serviço Social Do Comércio

Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do conselho regional
Abram Szajman

Diretor do departamento regional
Danilo Santos de Miranda

Superintendentes
Técnico social Joel Naimayer Padula
Comunicação social Ivan Giannini
Administração Luiz Deoclécio Massaro Galina
Assessoria técnica e de planejamento Sérgio José Battistelli

Gerências
Artes visuais e tecnologia Juliana Braga de Mattos
Adjunta Nilva Luz
Assistentes Carolina Barmell e Leonardo Borges
Estudos e desenvolvimento Marta Raquel Colabone
Adjunto Iã Paulo Ribeiro
Artes gráficas Hélcio Magalhães
Adjunta Karina Musumeci
Difusão e promoção Marcos Carvalho
Adjunto Fernando Fialho
Assessoria de relações internacionais Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves
Assistente Heloisa Pisani
Sesc Digital Gilberto Pascoal
Adjunto Fernando Tuacek

Sesc Pinheiros
Gerente Flávia Carvalho
Adjunta Patrícia Piquera
Programação Claudia Vieira Garcia [coordenação], Silvana Santos, Suellen Barbosa e Maria Claudia Novaes Curtolo
Comunicação Fernanda Monteiro [coordenação], Henrique Vizeu Winkaler e Poliana de Moura Queiroz
Alimentação Andréa Lanaro
Serviços Cláudio Hessel
Administrativo Luciano Amadei
Infraestrutura Marcela Weege

Entre Construção e Apropriação — Antonio Dias, Geraldo de Barros, Rubens Gerchman nos anos 60

Curadoria
João Bandeira

Curadora assistente
Ana Roman

Pequisa
Lara Rivetti

Produção
Automatica
Luiza Mello
Mariana S. Mello

Estagiária de produção
Ana Pimenta

Identidade Visual
Celso Longo + Daniel Trench
Luisa Prat, Elisa Bloch [assistentes]

Projeto expográfico
Ricardo Amado
Beatriz Matuck

Projeto de iluminação
Santa Luz
André Boll
Edson Reis

Montagem
SuperArte Produtora

Sesc Pinheiros
Rua Paes Leme, 195
CEP 05424-150
Tel: (11) 3095.9400
Estação Faria Lima
/sescpinheiros
sescsp.org.br/pinheiros

ENTRE CONSTRUÇÃO E APROPRIAÇÃO

ANTONIO DIAS GERALDO DE BARROS RUBENS GERCHMAN NOS ANOS 60

curadoria de João Bandeira

sesc

Entre Construção e Apropriação

Uma reportagem sobre a abertura da exposição de Geraldo de Barros em São Paulo, em 1965, mencionava a existência de um 'movimento figurativista com raízes na *pop art*'. E o relacionava aos novos quadros do artista, que voltava a expor após uma interrupção de dez anos, período em que, segundo ele mesmo, resolveu levar o concretismo 'até as últimas consequências', dedicando-se principalmente à fotografia e ao desenho industrial.

Cerca de um ano mais tarde, falando à *Revista Civilização Brasileira*, Rubens Gerchman também relatava uma mudança na sua ainda curta trajetória de artista: 'comecei gravando, fazendo litografia, era muito expressionista; mais tarde comecei a agrupar as figuras e depois a desenhar moradias coletivas, até que descobri a multidão'.

Nessa mesma entrevista, dada a Ferreira Gullar, o jovem Antonio Dias marcava posição, igualmente com base em um breve retrospecto do que produzira até o momento: 'depois que fiz meu diário em quadrinhos, tive conhecimento de que os *comics* começavam a despertar o interesse de artistas fora do Brasil. Procurei me informar a respeito e continuei a trabalhar nesse rumo. Acho que a cultura de massa é a realidade cultural da nossa época'.

Em que pesem as diferenças geracionais, os três parecem então empenhados em redefinir os rumos de seus trabalhos. Mas, assim como para outros artistas de áreas diversas (Hélio Oiticica, Waldemar Cordeiro, Glauber Rocha, Augusto de Campos, José Agrippino de Paula, Sérgio Ferro, Augusto Boal, Rogério Duprat ou Gilberto Gil, para citar apenas alguns), seus esforços de renovação de linguagem levavam em conta a expansão acelerada das estratégias e produtos da cultura de massa – suas coerções e seu lado democratizante –, em meio aos contrastes sociais que endereçavam o país a um dito 'Terceiro Mundo' na sinistra disputa geopolítica entre Estados Unidos e União Soviética. E, como o restante da nação, participavam todos da inquietude geral no ambiente conturbado imediatamente anterior ao Golpe de 1964 – que se tornou cada vez mais opressivo desde a instalação do governo militar, com prisões ilegais, torturas e desaparecimentos, além da censura aos meios de comunicação e à produção cultural.

A seleção de obras desta exposição, realizadas por Antonio, Gerchman e Geraldo nos anos 1960, propõe-se a apontar sua singularidade, sob certos aspectos, no meio de arte da época. Filiar o que eles fizeram diretamente à arte Pop seria uma simplificação equivocada. Apesar das particularidades evidentes, seus trabalhos podem ser aproximados pela maneira hábil com que – entre pintura e objeto – articulam o legado construtivo da arte concreta e neoconcreta da década precedente à apropriação fragmentada da iconografia da indústria cultural que invadia o cotidiano da vida urbana. Tudo isso abarcado por transfigurações paródicas nas quais as montagens e distorções não deixam de remeter àquela incontornável 'parte obscura de nós mesmos' e a tempos, similares aos de hoje, em que apreensão e resistência assaltam o idioma comum.

João Bandeira

Antonio Dias
Campina Grande, PB, 1944

Antonio Dias radicou-se no Rio de Janeiro em fins dos anos 1950. Na capital, frequenta aulas de Oswaldo Goeldi no ateliê de gravura da Escola Nacional de Belas Artes e passa a trabalhar como desenhista de arquitetura e artista gráfico, colaborando com publicações como a revista *Senhor*. Teve suas primeiras exposições individuais na galeria Sobradinho (1962) e na galeria Relevo (1964), esta com apresentação do crítico francês Pierre Restany. Nessa época, associado pela crítica às tendências da chamada Nova Figuração, reúne-se a artistas como Rubens Gerchman e Carlos Vergara, ao lado de quem participou de coletivas importantes como *Opinião 65*.

No mesmo ano, participou da 4ª Bienal de Paris e de outras exposições no exterior, começando a estabelecer sua carreira entre o Brasil e outros países. Em 1967, integrou a mostra *Nova Objetividade Brasileira* no MAM-RJ, e no final dessa década se instalou em Milão, onde se aproximou de artistas e críticos ligados à Arte Povera. A essa altura, sua produção já havia assumido extrema sobriedade plástica nas mais diversas modalidades, como, entre outras, filmes e instalações. Desde então, Antonio vem desenvolvendo uma movimentada carreira internacional, projetando-se também como um dos principais nomes da arte contemporânea no Brasil, onde, desde 2010, voltou a residir e continua a trabalhar.

Estou pronto, 1965
71 x 149,5 x 14 cm
acrílica, esmalte, vinil em compensado e tecido estofado
Coleção Antonio Dias
foto Paulo Scheuenstuhl

Emblema para uma esquadrilha assassina, 1967
126 x 176 cm
acrílica, vinílica e poliéster sobre tela e madeira
Coleção Fadel
foto Jaime Acioli

Geraldo de Barros
Chavantes, SP, 1923 - São Paulo, SP, 1998

Geraldo de Barros iniciou sua carreira dedicando-se à gravura e à pintura de corte expressionista. Em inícios dos anos 1950, destacou-se como um dos pioneiros da fotografia e da pintura geométrico-abstratas e integrou o grupo Ruptura, que desenvolveu a arte concreta no país, baseada em ritmos de alinhamento, progressão e polaridade, seguindo a "lógica interna de desenvolvimento e construção", definida pelo artista suíço Max Bill. A partir de 1954, atua como designer de móveis na Unilabor, empresa organizada em São Paulo no regime de comunidade operária. Passa a trabalhar também com design gráfico e comunicação visual. Em 1964, fundou a empresa de móveis Hobjeto e retornou à pintura. Nessa nova safra de trabalhos, mostrados um ano mais tarde na galeria Atrium, apropriava-se literalmente de elementos da cultura de massa, ao pintar sobre cartazes de publicidade. Em 1966, associou-se a Wesley Duke Lee, Nelson Leirner e outros para criar o Grupo Rex, misto de galeria e irreverente coletivo de artistas e, no ano seguinte, participou da *Nova Objetividade Brasileira* no MAM-RJ. Na década de 70, continua a desenvolver uma série de pinturas sobre outdoors publicitários e nos anos 80 e 90 passa a fazer quadros-objeto modulares, construídos com chapas de fórmica, e retorna ao trabalho com fotografia, reprocessando negativos de seu arquivo pessoal.

Seeing each other, 1964
78 x 114 cm
nanquim sobre madeira
Coleção Lili e João Avelar
foto Daniel Mansur

They are kissing (negativo), 1964
77 x 110 cm
óleo e colagem sobre aglomerado
Coleção Fulvia Leirner
foto Everton Ballardin

Rubens Gerchman
Rio de Janeiro, RJ, 1942 - São Paulo, SP, 2008

Rubens Gerchman frequentou, entre 1957 e 1961, o Liceu de Artes e Ofícios e também a Escola Nacional de Belas Artes, onde estudou com Adir Botelho, então assistente de Oswaldo Goeldi. Desde o final da década de 50 até meados da seguinte, trabalhou com programação visual em revistas de variedades, como *Sétimo Céu* e *Manchete*. Suas primeiras exposições individuais realizaram-se em 1964, na galeria Vila Rica, e um ano mais tarde, na galeria Relevo, com obras voltadas a temáticas urbanas, principalmente as de multidões em contextos de habitação, trabalho ou lazer, utilizando muitas vezes a fotografia como veículo para suas imagens e objetos encontrados para construir assemblages. Integrou a mostra *Opinião 65* no MAM-RJ, e, em 1966, foi um dos participantes do happening-exposição Pare, na galeria G4. Com Antonio Dias, Hélio Oiticica, Anna Maria Maiolino e outros, assinou a *Declaração de Princípios Básicos da Vanguarda* (1967), participando ainda da *Nova Objetividade Brasileira*, no MAM-RJ. Entre 1968 e 72, reside nos EUA, desenvolvendo trabalhos tridimensionais. Retorna no ano seguinte ao Brasil, onde concluiu seu filme *Triunfo Hermético*. A partir de 1975, assumiu no Rio a direção da Escola de Artes Visuais do Parque Lage e seguiu dedicando-se a trabalhos em pintura com base em imagens populares e cenas da vida cotidiana das metrópoles.

Futebol, 1964
160 x 210 cm
óleo sobre aglomerado
Coleção Fernanda Feitosa e Heitor Martins
foto Vinicius Assencio

Caixa & Cultura, 1967
70 x 70 cm
assemblage
Coleção Paulo Kuczynski
foto Alexandre Santos Silva